

A contribuição da revista piauí para uma cultura científica¹

Juliano Maurício de Carvalho
Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos

Introdução

É quase paradoxal o fato de que, enquanto a presença na sociedade de produtos e processos oriundos da pesquisa científica é crescente, a maioria da população é mal informada, ou mesmo mal formada no tocante à natureza, produção e reprodução da ciência (Vogt e Polino, 2003). Na própria mídia há um grande descompasso entre a representação de conceitos e funções de substâncias e mecanismos e a concepção que a ciência faz dos mesmos: “tanto a divulgação do seqüenciamento do genoma quanto sua cobertura pela imprensa foram marcadas por uma atmosfera de *determinismo genético* que já não correspondia à própria realidade da pesquisa genômica” (Leite, 2003: 1). Em certos casos, como apontado por Belda (2002), a má divulgação científica resulta principalmente da confusão de conceitos. O pesquisador identificou, na cobertura jornalística sobre organismos transgênicos, que estes eram confundidos com mutantes e híbridos, além de passarem por uma avaliação qualitativa que oscilava entre progresso e precaução.

A linguagem científica utiliza um vocabulário excessivamente técnico e específico (Belda, 2002), do qual não poucos pesquisadores relutam em abrir mão. Uma das dificuldades na divulgação da ciência consiste na compreensão de que o papel do jornalista é o de um mero tradutor (cf. Burkett, 1990: 8-9) do jargão científico para a linguagem comum. Baseada numa cautela, com viés para o didatismo, que subestima a capacidade de compreensão do receptor, muitas vezes a tentativa de explicar a ciência de forma lúdica chega ao ponto de distorcer o discurso científico e criar um atrito entre cientistas e repórteres, estes por considerarem os cientistas

muito rigorosos quanto aos dados a ser divulgados, aqueles por considerarem os jornalistas superficiais e displicentes (cf. Lage, 2001: 123).

É preciso um meio termo entre a restrição e o ruído, uma forma de promover a reformulação discursiva com um rigor tal que se evite a falsificação dos conceitos referenciais. De um ponto de vista teórico que considere a noção de obstáculo lingüístico, é preciso, então, fazer com que se revelem as relações de aproximação e distanciamento semântico mantidas entre as redes de significação desses diferentes universos lingüísticos, o que talvez levaria o pesquisador, diante de um *corpus* específico, a conhecer até que ponto o discurso jornalístico mantém rigor conceitual sobre seus referentes científicos (Belda, 2002: 126).

Graça Caldas (2004) compreende que o papel de tradutor é limitado, cabendo ao jornalismo, enquanto, espaço de mediação pública, retratar a produção da ciência por uma perspectiva crítica. É preciso que o cidadão não apenas tenha conhecimento sobre o que a pesquisa científica produz, mas também seja capaz de apresentar um raciocínio crítico sobre essa produção. É preciso haver “inquietação e preocupação” com o desenvolvimento da ciência, pois “somente o debate público e uma educação científica podem evitar equívocos e mal entendidos” (Silva, 2003: 58).

Santos e Bortoliero identificaram na imprensa brasileira “notícias imediatistas” (2006: 2), confirmando a afirmação de Warren Burkett (1990: 96) de que o jornalismo “prefere fatos estabelecidos”, a teorias em desenvolvimento, não sendo rara a divulgação destas como verdades comprovadas, embora exista a todo instante o risco de essas enunciações caírem por terra.

A ocorrência da transformação de pesquisas em produtos noticiáveis dificulta os sistemas de apuração e de investigação. Os resultados de pesquisas em andamento são divulgados como definitivos. A ciência é elevada à condição de absoluta e o discurso é construído para apresentar resultados. (...) É impossível que a mídia respeite o tempo em que se processa o conhecimento científico ou acompanhe o desenvolvimento de uma tecnologia, justamente porque para o jornalismo, a ciência e a tecnologia se configuram enquanto mercadorias que devem ser vendidas ao público consumidor (Santos e Bortoliero, 2006: 4-6).

O *hype* de determinados temas científicos pede um consumo rápido de informação e envolve também uma concepção determinista e utilitarista de ciência, numa lógica sob a qual, “ao apresentar-se perante a esfera pública apenas como fonte de inovação, palavra de ordem e pedra-de-toque da hora, a pesquisa científica

se barateia e subordina a uma lógica alheia, a da rentabilidade imediata, exilando-se voluntariamente do seu próprio território, a cultura” (Leite, 2005: 5).

A última assertiva se constitui em todo o problema da divulgação científica para o ensaísta e crítico de ciências Jean-Marc Lévy-Leblond (2006) – a ciência teria se afastado da cultura, pela natureza de seus procedimentos, e o público não conhece ou se interessa por ela por não ter meios de influir nos rumos da pesquisa científica. A afirmativa remete diretamente à exclusão de grande parte da população da esfera pública de debates, assumida pelos meios de comunicação. É preciso, portanto, haver uma reinserção da ciência na cultura – e, se o jornalismo não é suficiente para tanto, ao menos tem capacidade para ajudar no processo. Assim, é mister que seja alta a qualidade do tratamento da informação veiculada.

Os divulgadores científicos, de hoje, encontram, então, a tarefa de difundir o conhecimento produzido pela ciência nos seus diversos aspectos, passo a passo, e não apenas nos resultados finais de experiências e pesquisas, porque é no desenrolar do processo que a sociedade pode acompanhar o que de fato está sendo produzido e interferir, tomar decisões, participar de assuntos que têm e terão influência direta em sua vida (Lima, 2002: 4).

Carlos Vogt (2006) propõe o termo cultura científica para abrigar as diversas modalidades de levar a ciência ao público leigo, por meio de meios de comunicação, museus, centros de ciência, jogos educativos, etc. É fundamental que a população seja informada a respeito do que é produzido em ciência, tanto pelo direito inalienável ao conhecimento (sem o qual se corre o risco de ficar à margem dos debates sobre assuntos de relevo) quanto pelo fato de a maior parte das pesquisas ocorrer em instituições públicas, financiadas com verba oriunda do pagamento de impostos.

É importante para a ciência ser conhecida e compreendida pelas pessoas. Essa compreensão, o benefício que a pesquisa traz, os horizontes humanos que amplia, as perspectivas que abre à fantasia e à esperança são garantias de suporte político num momento em que o mundo da ciência enfrenta os mais intensos conflitos da era contemporânea (Lage, 2003: 12).

Para o químico francês Paul Caro (apud Sabbatini, 2006), divulgar ou reportar a ciência é um ato não somente pedagógico, mas literário: deveriam ser utilizados, então, temas de valor romântico, o emprego de mitos e a construção de heróis. Esse tipo de visão, de acordo com a interpretação de conceitos, pode levar a uma espetacularização da notícia, efeito indesejado para um jornalismo que se comprometa com a formação de cultura científica – que envolve não apenas a tornar conhecidos e compreensíveis os conceitos das variadas áreas da ciência, mas também, e princi-

palmente, despertar uma consciência crítica a respeito das pesquisas realizadas no país e no mundo. Para tal, o jornalismo científico deveria orientar-se pela relevância e mérito dos temas e pesquisas abordados, não pelo grau de curiosidade e apelo popular, para “tornar interessante o que é importante, e não para tornar importante o que é só interessante” (Leite, 2005: 1).

O jornalismo literário, constantemente desenvolvido, aprimorado e teorizado ao longo do século XX, apresenta soluções para alguns dos problemas hoje enfrentados pelo jornalismo científico praticado por veículos e assessorias de comunicação. O uso da narratividade, preservando a veracidade e exatidão das informações coletadas, pode tornar mais compreensíveis conceitos e processos obscuros por meio de figuras de linguagem e, ao tratar o cientista como um personagem, tem o poder de criar um efeito essencial: a identificação dele com o leitor, o estabelecimento de uma empatia que pode reverter o recente quadro de afastamento entre os jovens e a formação científica (cf. Vogt, 2006).

Não raro, tentativas de criar narrativas “criativas” ou “humanizadas” dentro dos padrões do jornalismo convencional são falhas e rumam para a desinformação. Um exemplo recente foi a cobertura superficial da Missão Centenário² da Agência Espacial Brasileira pela Folha de S. Paulo, buscando dar tratamento mítico à viagem do astronauta Marcos Pontes³ à Estação Espacial Internacional (Sabbatini, 2006).

Na análise de Sabbatini, as reportagens trouxeram elementos como “verde-amarelo’, o futebol, o patriotismo e o ‘orgulho de ser brasileiro’ (...), mais do que fatos concretos” (2006: 14). Foi exaltado o pioneirismo da missão e Pontes, chamado de herói, foi comparado a Santos Dumont e aos cosmonautas Yuri Gagarin (o primeiro homem a deixar a Terra numa espaçonave) e Alexei Leonov (o primeiro homem a caminhar no espaço). Houve uma tentativa rasa de humanizar o astronauta brasileiro, porém os índices atribuídos a ele foram clichês – “rapaz humilde”, “filho da terra”, “bom filho, pai e irmão” –, formando um estereótipo do homem interiorano.

Embora a participação do país na estação espacial e o programa de vôos tripulados tenham sido encerrados por conta do alto custo e do descumprimento do acordo firmado com outros países pelo Brasil (que deveria entregar equipamentos fabricados nacionalmente), esse fato não foi apresentado no material noticioso, nem contextualizada a situação do programa espacial do país. Sabbatini identificou também uma carência de textos opinativos sobre a missão, culminando na ausência de espírito crítico ao se relatar o acontecimento. Assim, prestou-se um desserviço ao leitor.

O conteúdo de divulgação em relação ao Programa Espacial Brasileiro foi praticamente nulo, pois a informação esteve centrada na missão Centenário, não havendo referências aos objetivos gerais e específicos da AEB. O conteúdo de divulgação científica das notícias se limitou às características e procedimentos

do vô e, em menor medida, aos experimentos realizados, apresentando-se, portanto, descontextualizado do contexto mais amplo científico-tecnológico-espacial (...). Houve a prevalência dos gêneros notícia e nota breve, com pouco espaço para os gêneros opinativos, além do caráter positivo e da adoção de enquadramentos midiáticos afastados da política científica. De forma geral, isto se reflete em uma cobertura acrítica, sem questionamentos sobre a política científico-tecnológica adotada pelo Estado Brasileiro (Sabbatini, 2006: 14).

Contudo, em livros e reportagens de fôlego, com maior liberdade textual, alcança-se outro grau de aprofundamento informacional. A revista *piauí*, destaque editorial no país, dedicada a reportagens em jornalismo literário sobre diversos aspectos da cultura brasileira, tem dedicado espaço a textos que abordam ciência e tecnologia, os quais, em meio a material sobre música, trabalho, política, violência, lazer e arquitetura, é instrumento em potencial na formação de uma cultura científica. Com este artigo, nosso objetivo é traçar uma caracterização da cobertura de C&T na publicação, observar a diversidade de áreas e pontos de vista e a interação de conceitos, processos e instituições de pesquisa.

Materiais e métodos

Utilizamos como *corpus* de análise os 12 primeiros números de *piauí*, correspondentes a seu primeiro ano de publicação. Lançada em outubro de 2006 pela editora Alvinegra, sob a coordenação de João Moreira Salles, a revista tem sido comparada a outras representantes de destaque do jornalismo literário, como *New Yorker* (Borges, 2006), da qual apresenta textos traduzidos. A publicação, porém, afirma não se pretender imitadora de modelos de sucesso, tomando-os como base para a criação de algo novo – o que remete à “capacidade antropofágica” do jornalismo brasileiro, segundo José Marques de Melo, “de deglutir os modelos importados, transformando-os em sucedâneos ‘mestiços’, duráveis, resistentes e utilitários” (2007: 17) – e apresenta uma concepção expandida de cultura, abrangendo não apenas artes e espetáculos, mas também gastronomia, política e ciência (Borges, 2006).

O termo jornalismo literário tem levado a muitos equívocos acerca de sua natureza – pode ser confundido com jornalismo sobre literatura (crítica literária, por exemplo) ou a ficção baseada na realidade factual. Por essa razão, a expressão para o que se procura significar, o texto jornalístico que empresta técnicas da literatura e apresenta uma apuração de informações diferenciada, já foi também nomeado “Novo jornalismo”, “Literatura da realidade”, “Escrita criativa de não-ficção”, “Literatura do fato”, “Jornalismo narrativo”, “Jornalismo de livros”, “Jornalismo diversional”, “Jornalismo degustativo”, “Narrativa jornalística”, “Jornalismo informativo de criação” e “Parajornalismo”.

É possível definir o jornalismo literário como um gênero jornalístico que se desenvolveu paralelamente ao convencional, ou “reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura” (Pereira Lima apud Vilas Boas, 2007: 9), tendo suas origens no realismo social novecentista (Wolfe, 2005). Não se procura, em sua prática, suplantando ou eliminando aquele baseado no *lead* e na pirâmide invertida, mas complementá-lo, trazer uma visão diferenciada e aprofundada da realidade nele relatada.

Tom Wolfe (cf. 2005: 53-55) identificou quatro características diferenciais principais do realismo social, todas adaptáveis ao jornalismo: a construção cena a cena de acontecimentos, o registro de diálogos completos (em vez de se utilizar falas ilustrativas), a descrição de pessoas e ambientes de modo a simbolizar seu *status* de vida e o uso de pontos de vista.

Quanto ao jornalismo literário, sete elementos que Norman Sims (1995) apresenta como características essenciais: imersão do repórter na realidade ou assunto abordado, uso de voz autoral, estilo próprio, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, digressão⁴ e humanização. A estrela-de-sete-pontas de Felipe Pena (2006) apresenta sete elementos deontológicos também essenciais ao jornalismo literário: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, romper com as correntes do *lead*, evitar os definidores primários⁵, buscar a perenidade do texto. Ambas as listas confluem para a definição de um registro expandido da realidade.

Nas últimas duas décadas (cf. Sims, 1995), o jornalismo literário ganhou sofisticação, com a especialização de seus repórteres nos mais diversos assuntos: política, economia, esportes, comportamento, perfis. Na cobertura de ciência ganharam relevo nomes como Richard Preston, D. T. Max, John McPhee, Michael Specter e Dennis Overbye. Desde 2000 têm sido editadas em livro coletâneas dessas reportagens científicas em jornalismo, sendo as duas de maior prestígio *The Best American Science Writing*, do selo Perennial da editora Harper Collins, e *The Best American Science and Nature Writing*, da Houghton Mifflin. O critério de seleção não se detém na relevância dos assuntos abordados, abrangendo a qualidade de execução da reportagem e o grau de sua palatabilidade (Gawande, 2006), escrúpulo semelhante à política editorial de piauí (Costa e Pécora, 2007), atenta à forma da escrita e à tensão narrativa.

Trabalharemos aqui com a análise de conteúdo para tecer uma caracterização da cobertura de ciência e tecnologia em piauí. Será levada em conta, inicialmente a distribuição de reportagens sobre o assunto ao longo das edições e, a seguir, a distribuição em chapéus, áreas do conhecimento e especialidades da ciência, bem como a proporção de textos originais e traduções de material estrangeiro. Os campos da ciência serão divididos em três grandes áreas (ciências naturais, ciências humanas e

ciências tecnológicas), dentre as quais se enquadrarão as especialidades identificadas (arqueologia, engenharia aeroespacial, genética, lingüística, matemática, medicina, museologia, psicologia, tecnologia utilitária e teologia). Para verificar a complexidade da cobertura, também será apontada a presença dos diferentes elementos constituintes da pesquisa científica: pesquisadores (protagonistas da reportagem e seus concorrentes ou opositores), estudantes, instituições, fomento, formação de profissionais e acadêmicos, materiais, métodos e processos de pesquisa e desenvolvimento, resultados, publicações, explicação de conceitos, voluntários para experimentos, produtos, aplicações e beneficiários e crítica pessoal do repórter.

Caracterização da cobertura de C&T em piauí

A revista piauí teve 68 páginas até o número 7 (junho de 2007), quando passou a ter 76 páginas, incluindo as quatro capas e material publicitário. Tendo isso em vista, o número de páginas dedicadas à ciência ao longo do primeiro ano de publicação (vide Tabela 1), equivale ao de uma edição inteiramente constituída de material jornalístico.

Tabela 1

Disposição de reportagens relacionadas a C&T por edição

<i>Edição</i>	<i>Reportagens</i>	<i>Páginas</i>
01 (outubro 2006)	1	1
02 (novembro 2006)	3	6
03 (dezembro 2006)	0	0
04 (janeiro 2007)	1	6
05 (fevereiro 2007)	2	3
06 (março 2007)	3	12
07 (abril 2007)	3	10
08 (maio 2007)	2	3
09 (junho 2007)	1	3
10 (julho 2007)	1	1
11 (agosto 2007)	3	3
12 (setembro 2007)	2	13
TOTAL	23	66

A distribuição de reportagens científicas não ocorreu de maneira homogênea (vide Tabela 1). Houve picos em volume de material nas edições 6, 7 e 12, igual ou superior a 10 páginas (cerca de 20% do volume informativo da revista), em contraste

aos números 1 e 10, nos quais houve a menor presença, e ao terceiro, no qual não se publicou reportagens relacionadas à produção ou usufruto de conhecimento científico. Nota-se ainda que em nenhuma edição houve número de reportagens superior a três. Assim, a cobertura de ciência obteve seu equilíbrio ao estar imersa junto a conteúdos de outros campos, como política e música, sem predominar ou ser sufocada por eles.

Tabela 2

Disposição de reportagens relacionadas a C&T por chapéu

<i>Chapéu</i>	<i>Reportagens</i>	<i>Páginas</i>
Chegada	3	3
Despedida	1	1
Esquina	5	7
Figuras da ciência	1	6
Medicina	1	5
O mundo da mente	1	4
Paraísos artificiais	1	5
Psicologia aplicada	1	2
Questões...	5	23
Saúde & família	1	3
Tortura & maus-tratos	1	2
Vida privada	1	2
Vidas literárias	1	3
TOTAL	23	66

Os chapéus em piauí não correspondem de forma direta a seções. Dentre os chapéus listados (vide Tabela 2), apenas “Chegada”, “Despedida”, “Esquina” e “Vidas Literárias” correspondem de fato a espaços fixos na publicação. “Chegada”, a primeira seção da revista, dedica-se a reportar nascimentos, lançamentos e descobertas, enquanto “Despedida”, a última, trata de mortes. Em “Esquina” encontram-se textos curtos de temas sortidos, enquanto “Vidas Literárias” (cancelada na edição 8) apresentava quadrinhos biográficos de Edward Sorel. O rótulo de “Questões...” (por exemplo, “Questões lingüísticas” ou “Questões tridimensionais”) apresenta reportagens longas.

Identificamos uma maior concentração das reportagens de ciências (vide Tabela 2) sob os chapéus “Esquina” ou “Questões...”, indicando maior propensão à definição editorial de sua natureza entre reportagem curta ou de fôlego (*feature*). Esse aspecto está ligado também à área de concentração dos textos, como se verá adiante.

Encontramos, dentre as Ciências Humanas (vide Tabela 3) maior variedade temática, com cinco especialidades, enquanto se identificaram três especialidades

distintas de Ciências Naturais e duas de Ciências Tecnológicas, das quais houve maior presença da tecnologia utilitária. As especialidades a que se dedicou menor espaço foram Arqueologia, Museologia e Genética, sobre as quais publicou-se apenas um texto, com volume de uma página. As reportagens relacionadas à medicina têm o maior espaço dentre as especialidades, representando mais de um terço do total de conteúdo científico identificado (23 de 66 páginas) e superando o volume de páginas dedicadas à cobertura de Ciências Humanas (22). Nota-se ainda que as reportagens de medicina e saúde recebem maior espaço, não tendo sido publicadas em “Esquina”, seção destinada a produções mais curtas (vide Tabela 4).

Tabela 3

Disposição de reportagens relacionadas a C&T por áreas e especialidades

Área	Especialidade	Reportagens	Páginas
Ciências Humanas	Arqueologia	1	1
	Linguística	3	9
	Museologia	1	1
	Psicologia	3	9
	Teologia	1	2
	Total	9	22
Ciências Naturais	Genética	1	1
	Matemática	1	9
	Medicina	6	23
	Total	8	33
Ciências Tecnológicas	Engenharia aeroespacial	2	2
	Tecnologia utilitária	4	9
	Total	6	11
TOTAL		23	66

Tabela 4

Disposição de reportagens relacionadas a C&T por chapéu e área

<i>Chapéu</i>	<i>Ciências Humanas</i>	<i>Ciências Naturais</i>	<i>Ciências Tecnológicas</i>
Chegada	1	1	1
Despedida	0	0	1
Esquina	2	0	3
Figuras da ciência	0	1	0
Medicina	0	1	0
O mundo da mente	1	0	0
Paraísos artificiais	0	1	0
Psicologia aplicada	0	1	0
Questões...	3	1	1
Saúde & família	0	1	0
Tortura & maus-tratos	1	0	0
Vida privada	0	1	0
Vidas literárias	1	0	0
TOTAL	9	8	6

A observação da Tabela 4 aponta para uma maior concentração de reportagens de Ciências Humanas sob o chapéu “Questões...” e de Ciências Tecnológicas (50% do total) na seção “Esquina”, o que indica um caráter mais ligeiro dos textos dedicados a essa área, todos relacionados às tecnologias utilitárias. Identificamos igual proporção de material entre as três áreas na seção “Chegada” e maior variedade de classificação editorial nas reportagens de Ciências Naturais, distribuídas em oito chapéus diferentes. Nota-se uma contradição: o chapéu “Psicologia aplicada” não se refere a um texto sobre psicologia em si, mas medicina: “O agente clandestino” (Corrêa, 2006: 34-5), a respeito da influência do protozoário causador da toxoplasmose no comportamento humano.

Tabela 5

Disposição de reportagens relacionadas a C&T originais e traduzidas

<i>Natureza</i>	<i>Reportagens</i>	<i>Páginas</i>
Originais	20	49
Traduzidas	3	17
TOTAL	23	66

Quanto à proporção de material original em relação à tradução de reportagens estrangeiras (vide Tabela 5), identificamos número quase sete vezes superior de textos originais em português, enquanto o volume de páginas das traduções corresponde

a 25,76% do total de reportagens de ciência. Concluimos, a partir desse dado, que o material estrangeiro de jornalismo científico publicado é em média mais extenso do que a produção da redação da revista.

Notamos uma concentração das traduções em Ciências Naturais. O único material estrangeiro dedicado às Ciências Humanas é a minibiografia de Carl Gustav Jung (Sorel, 2006: 28-30), que ocupa três páginas de piauí. As Ciências Tecnológicas não foram contempladas dentre o material importado.

Tabela 6

Disposição de reportagens relacionadas a C&T originais e traduzidas

<i>Natureza</i>	<i>Ciências Humanas</i>	<i>Ciências Naturais</i>	<i>Ciências Tecnológicas</i>
Originais	8	6	6
Traduzidas	1	2	0
TOTAL	9	8	6

Na Tabela 7, analisamos o conteúdo das reportagens de acordo com 15 elementos constituintes da produção científica, indicadores da abrangência e complexidade da cobertura de ciência nas diversas áreas.

Podemos notar que as reportagens de Ciências Tecnológicas (em geral concentradas em “Esquina”, como indica a Tabela 4) são mais rasas, atendo-se em geral às aplicações e beneficiários das tecnologias e a produtos tecnológicos em si, embora exista uma boa proporção (66%) de crítica no *corpus* analisado. A crítica de ciências, proposta como Marcelo Leite (2005) como prática recomendável no jornalismo científico em geral, da qual as publicações brasileiras careceriam, está presente também em 66% das reportagens de Ciências Humanas e 87,5% do material de Ciências Naturais, indicativo de maturidade e qualidade da cobertura nessa área.

Tabela 7

Frequência de elementos da pesquisa científica em reportagens relacionadas a C&T (por área)

<i>Elementos</i>	<i>Ciências Humanas</i>	<i>Ciências Naturais</i>	<i>Ciências Tecnológicas</i>
TOTAL	9	8	6
Aplicações e beneficiários	6	8	6
Crítica pessoal	6	7	4
Estudantes	1	4	0
Explicação de conceitos	6	8	3
Fomento	1	5	1
Formação	2	2	0
Instituições	6	8	4
Materiais	3	7	3
Métodos e processos de P&D	5	7	2
Pesquisadores (protagonistas)	7	8	0
Pesquisadores (concorrentes)	4	4	0
Produtos	2	2	5
Publicações	3	4	0
Resultados de pesquisa	3	5	0
Voluntários	1	5	0

Nas reportagens em Ciências Humanas encontramos ainda uma presença alta de menção a aplicações e benefícios, instituições de pesquisa, métodos e processos em pesquisa e desenvolvimento e pesquisadores protagonistas. Houve pouca incidência de textos que incluíssem informações sobre resultados de pesquisa, publicações e a formação de pesquisadores na área. A reportagem que apresentou a maior parte dos indicadores (14, com exceção de “Voluntários”) foi *O verbo na alma da selva* (Vianna, 2007: 24-29), a respeito de equipes de lingüistas encarregadas de preservar idiomas indígenas em risco de extinção.

Já o material relacionado a Ciências Naturais, como indica a extensão média dos textos e a frequência alta dos indicadores, apresentou maior grau de complexidade e profundidade de cobertura, sobretudo no tocante a aplicações e benefícios (100%), explicação de conceitos (100%), instituições de pesquisa (100%), pesquisadores protagonistas (100%), materiais (87,5%) e métodos e processos (87,5%). Na cobertura da área, lida-se melhor com opiniões díspares e controvérsia, com 50% de frequência de pesquisadores concorrentes, emissores de pareceres em diversos aspectos contrários. As reportagens mais complexas (ou completas), envolvendo

14 dentre os 15 indicadores, são *Entre ratos* (Zangrandi, 2007) e *Côncavos e convexos* (Nasar e Gruber, 2007), ambas publicadas na edição 12.

Em relação à controvérsia em ciência, é importante mencionar o caso de *Dormir, nunca mais* (Max, 2007: 24-28), em que beneficiários em potencial tornam-se pesquisadores concorrentes. A leiga Elisabetta, cuja família é atingida pela insônia familiar fatal, tem participação ativa na pesquisa para a identificação da doença (cf. Santoro, 2007: 10); mas logo assume, com o marido Ignazio, papel contestador em relação aos laudos médicos.

No dia em que Elisabetta leu o prontuário do avô, percebeu logo algo suspeito. Sob a rubrica “fluido espinhal”, vinha anotado: “claro como água numa fonte de pedras”. (A medicina italiana é cheia desses requintes elegantes.) Elisabetta tinha familiaridade com amostras de fluido espinhal e achou improvável o que leu. O fluido das vítimas de encefalite quase sempre apresenta uma contaminação pela doença. Contou o caso para a mãe e para a avó viúva. Disseram-lhe para não perder tempo com o passado. Elisabetta insistiu. Ignazio estudava para ser médico, e concordou em ajudá-la a investigar o mistério (Max, 2007: 26).

A maior deficiência ainda está na baixa frequência em reportagens de conteúdo relacionado ao processo de formação de pesquisadores, o que traria grande contribuição para uma cultura científica, ao mostrar de modo humanizado – e portanto mais próximo e palpável à experiência do leitor – como um indivíduo torna-se cientista (cf. Vogt, 2006).

Conclusão

A abordagem em profundidade da ciência requer um trabalho de organização de detalhes e situações referenciais ou paralelas complementares, equivalente em termos estruturalistas ao preenchimento de catálises e índices (cf. Passos, 2007) – assim, é natural ao jornalismo literário. Procedimentos detalhados de pesquisa, dados parciais, controvérsias e informações relativizadas são estranhos à natureza do jornalismo tradicional, que se mostra desajeitado no lide com tais elementos, clamando por respostas prontas e definitivas sobre temas em que não há consenso ou resultados conclusivos.

A complexidade do jornalismo científico praticado em piauí, especialmente no tocante às Ciências Naturais acena para um modelo direcionado não para uma transferência verticalizada de conhecimento, de especialistas para leigos, mas para “trabalhar para que todos os membros da nossa sociedade passem a ter uma melhor compreensão, não só dos resultados da pesquisa científica, mas da própria natureza da atividade científica” (Lévy-Leblond, 2006: 43)

Em relação à cultura científica, nota-se grandes avanços em relação à interação com a cultura em geral (por meio de uma publicação de baixa segmentação editorial), da explicação de conceitos, da presença de finalidades concretas na forma de aplicações e beneficiários e da narração de métodos e processos de pesquisa científica e da abertura à controvérsia, elementos importantes para uma desmistificação da atividade.

A partir dos resultados quantitativos apurados neste estudo, é possível desdobrar-se uma análise qualitativa em minúcias do *corpus*, tendo em vista a avaliação do discurso e das estratégias narrativas empregadas, bem como estudos em jornalismo comparado com outras publicações direcionadas à ciência, de modo a entender em que medida as práticas de reportagem científica de piauí são de fato um diferencial em relação ao conjunto de publicações do segmento.

Juliano Maurício de Carvalho
Professor da UNESP
juliano@faac.unesp.br

Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos
Jornalista e mestrando na UFSCar
mpassos@faac.unesp.br

Notas

1. Artigo apresentado originalmente como comunicação no IX Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico.
2. Assim denominada por ocorrer 100 anos após o vôo de Santos Dumont no 14-Bis, em 1906.
3. Longe, por exemplo, do tratamento humano dado por Tom Wolfé aos primeiros astronautas norte-americanos em *Os eleitos*.
4. A digressão deve ser entendida como um desvio narrativo do tema principal para um assunto relacionado, de modo a expandir a percepção da realidade apresentada.
5. “Entrevistados de plantão”, fontes já legitimadas, tais como pesquisadores de universidades renomadas – evitar os definidores primários implica em buscar fontes alternativas, ouvir pontos de vista nunca abordados pela imprensa diária.

Referências bibliográficas

- BELDA, Francisco Rolfsen. A informação científica no noticiário: um estudo dos mecanismos de reformulação lingüística no discurso jornalístico de divulgação. *Comunicarte*, Campinas, v.19 n.25, p. 121-132, 2002.
- BORGES, Julio Daio. João Moreira Salles. *Digestivo Cultural*, 4 dez. 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/imprimir.asp?codigo=8>. Acesso em: 28 set. 2007.

- BURKETT, Warren. *Jornalismo científico*. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- BUENO, Wilson. *Jornalismo científico: resgate de uma trajetória*. Disponível em: <http://editora.metodista.br/COM30/cap_10.pdf>. Acesso em Março de 2006.
- CALDAS, Graça. O papel das assessorias de comunicação na divulgação da ciência: a experiência da Unicamp. *Comunicarte*, Campinas, v.15 n.21, p. 67-79, 1997.
- CORRÊA, Marcos Sá. O agente clandestino. *piauí*, São Paulo, n.2, p.34-5, nov. 2006.
- COSTA, Carlos; PÉCORA, Luísa. O elogio da inutilidade, ou sobre o fazer por prazer. *Getulio*, Rio de Janeiro, n.5, p.54-61, set. 2007.
- GAWANDE, Atul (org.). *The Best American Science Writing 2006*. New York: Harper Perennial, 2006.
- JURDANT, Baudouin. Falar a Ciência? In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura científica – desafios*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006. p. 44-55.
- LAGE, Nilson. *A reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. O jornalismo científico em tempos de confronto. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2003, Belo Horizonte. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003
- LEITE, Marcelo. Hegemonia e crise da noção de “gene” nos 50 anos do DNA. In: Congresso Nacional de Genética, 49., 2003, Águas de Lindóia. *Anais*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 2003
- _____. O atraso e a necessidade: jornalismo científico no Brasil. Conferência Prêmio José Reis 2005. In: Reunião Anual da SBPC, 57., 2005, Fortaleza. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/publique/media/Marcelo_Leite_SBPC2005.pdf Acesso em: 20 set. 2007.
- LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. Cultura científica: impossível e necessária. In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura científica – desafios*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006. p. 28-43.
- LIMA, Karina Medeiros de. Desafios da divulgação científica na era da informação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.30, n.2, p.15-40, jul./dez. 2007.
- MAX, D. T. Dormir, nunca mais. Tradução de Rubens Figueiredo. *piauí*, n. 6, p. 24-28, mar. 2007.
- NASAR, Sylvia; GRUBER, David. Côncavo e convexo. Tradução de Ivo Korytowski. *piauí*, n. 12, p.50-58, set. 2007.
- PASSOS, Mateus Y. R. S. *Humanizando o cientista: propostas em jornalismo literário*. 2007. 98 f. Monografia (Especialização em Jornalismo Literário) – Centro de

Educação Superior de Blumenau/ Academia Brasileira de Jornalismo Literário, Blumenau/ Campinas.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PIAUI. São Paulo, n.1-12, out. 2006/set. 2007.

SABBATINI, Marcelo. O astronauta brasileiro e o “Retorno das Estrelas”: mito e política científica na análise de conteúdo da cobertura da missão Centenário da Agência Espacial Brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.

SANTORO, André Cioli Taborda. A saúde do texto: o jornalismo literário e a cobertura das ciências médicas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007;

SANTOS, Cristina Mascarenhas; BORTOLIERO, Simone. Observando os conflitos: a história da terapia com células-tronco para tratamento da doença de Chagas e a veiculação de notícias na Bahia. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006, Brasília. *Anais*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.

SILVA, Gislene. Mídia impressa e o universo das ciências. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da Silveira (org.). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

SIMS, Norman. The art of literary journalism. In: SIMS, Norman (org.); KRAMER, Mark (org.). *Literary Journalism – a new collection of the best american nonfiction*. New York: Ballantine, 1995, p.3-19.

SOREL, Edward. Vidas literárias: Carl Gustav Jung. Tradução de André Conti. *piauí*, n. 2, p.28-30, nov. 2006.

VIANNA, Branca. O verbo na alma da selva. *piauí*, n. 4, p.24-29, jan. 2007.

VILAS BOAS, Sergio. Este livro... In: VILAS BOAS, Sergio (org.). *Jornalistas literários*. São Paulo: Summus, 2007, p. 7-10.

VOGT, Carlos. Introdução. In: VOGT, Carlos (org.). *Cultura científica – desafios*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006. p.18-26.

_____; POLINO, Carmelo. *Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 2003.

ZANGRANDI, Raquel Freire. Entre ratos. *piauí*, n. 12, p.44-49, set. 2007.

Resumo

Lançada em outubro de 2006, a revista piauú destacou-se no cenário editorial brasileiro ao dedicar-se à cobertura de temas variados por meio do jornalismo literário. Tendo por base o conceito de cultura científica, nosso objetivo foi caracterizar o grau de diversidade e complexidade das reportagens relacionadas à ciência e tecnologia, por meio da análise de conteúdo dos 12 primeiros números da publicação. Verificamos que os textos de maior extensão e complexidade envolvem as Ciências Naturais, envolvendo múltiplos aspectos e pontos de vista em relação à produção e ao emprego de conhecimento científico.

Palavras-chave

Jornalismo Científico; Jornalismo Literário; Revista piauú; Análise de conteúdo; Cultura científica.

Abstract

Released in October 2006, piauú magazine is in evidence at Brazilian by covering many and diverse subjects via literary journalism. Using as basis the science culture concept, our main goal was to characterize diversification and complexity in science-and-technology-related articles, via content analysis of the magazine's first 12 issues. We have verified that most large and complex pieces are related to Natural Sciences, involving multiple aspects and points of view on use and development of scientific knowledge.

Key-words

Science journalism; Literary journalism; piauú magazine; Content analysis; Science culture.